



## Enfrentar as Linhas. Testemunhos franceses sobre uma Barreira intransponível

António Ventura\*

O recente livro de Charles Esdaile, *Peninsular Eyewitness*<sup>1</sup>, veio sublinhar a importância dos testemunhos pessoais sobre a Guerra Peninsular para quem queira estudar esse período fulcral na História da Europa em geral e de Portugal e Espanha em particular. Já há alguns anos Ian Fletcher tinha organizado um volume<sup>2</sup>, no qual coligiu um notável conjunto de textos autobiográficos de soldados ingleses, relacionados com os momentos mais marcantes do conflito, como os cercos e as batalhas de Vimiero, Talavera, Badajoz, Salamanca, Vitória e San Sebastian. A popularidade desses relatos foi potenciada, mais recentemente, com a comemoração dos 200 anos do início da guerra, através da publicação de textos inéditos e a da reedição de obras clássicas que há muito se encontravam esgotadas. Como exemplo tome-se o interessantíssimo diário de D. Rafael de Llanza y de Valls<sup>3</sup>, antigo capitão do Regimento de Infantaria de Guadalajara, que integrou a expedição do conde de la Romana à Dinamarca e acabou por fazer parte do exército napoleónico distinguindo-se na campanha da Rússia.

São abundantes os relatos sobre as Invasões Francesas produzidos pelos que as viveram, muito em especial britânicos e integrantes

O diário incompleto de Manuel Inácio Pamplona Corte Real, futuro conde de Sub-Serra e ministro de D. João VI. Manuel Pamplona, integrante da Legião Portuguesa, foi promovido a general de brigada ao serviço da França a 1 de Agosto de 1808. Comandante dos Caçadores a Cavalos da Legião Portuguesa, foi enviado para o Exército de Portugal em 22 de Abril de 1810, encarregado de comandar uma brigada portuguesa formada depois da tomada de Almeida a 28 de Agosto. Durante a III Invasão, escreveu um diário em francês que foi parcialmente publicado por Aníbal Fernandes Tomás<sup>4</sup>. Comandante do 2º Regimento Português da 6ª Divisão (Legrand) do 2º Corpo na Rússia, em 1 de Julho de 1812, Pamplona foi membro da Legião de Honra desde 18 de Junho de 1812. Serviu no 1º Corpo do Grande Exército, comandado por Davout, a 25 de Junho de 1812. Depois da queda de Napoleão continuou em França e serviu Luís XVIII, que

<sup>1</sup> Charles Esdaile, *Peninsular Eyewitnesses. The Experience of War in Spain and Portugal 1808 - 1813*, Barnsley, Pen & Sword, 2008.

<sup>2</sup> Ian Fletcher, *Voices from the Peninsula Eyewitness Accounts by Soldiers of Wellington's Army, 1808-1814*, Londres, Greenhill Books, 2001.

<sup>3</sup> *Un español en el Ejército de Napoleón. Diario de D. Rafael de Llanza y de Valls, capitán del antiguo Regimiento de Infantería de Guadalajara*, con comentarios de Ignacio Fernández de Bobadilla, Madrid, Almena Ediciones, 2008.

<sup>4</sup> Aníbal Fernandes Tomás, *Episódios da Terceira Invasão Francesa. Diário do General Manuel Inácio Martins Pamplona (Maio a Setembro de 1810)*, Figueira, Imprensa Lusitana, 1896.

acompanhou a Gand em 1815. Comandante do Departamento de Loir-et-Cher a 8 de Agosto de 1815 e do Departamento de Cote-d'Or de 10 de Fevereiro de 1816 a 1 de Junho de 1817, recebeu o título de barão a 12 de Fevereiro de 1817. Naturalizado francês a 23 de Abril de 1818, foi admitido à reforma a 15 de Setembro de 1819 e promovido a tenente-general honorário a 24 de Abril de 1822. Pamplona publicou em 1818, omitindo o seu nome, o livro *Aperçu Nouveau sur les Campagnes des Français en Portugal en 1807, 1808, 1809, 1810 et 1811*<sup>5</sup>, que Cristóvão Aires identificou como sendo de sua lavra<sup>6</sup>. Pequenas referências podem ser encontradas nas memórias de José Liberato Freire de Carvalho<sup>7</sup>, de José Teixeira de Mesquita, barão da Lages<sup>8</sup>, que foi coronel de Infantaria nº 2, do comerciante francês Jacome Ratton, com referências às Invasões, e à sua deportação em 1810, por ocasião da «Setembrizada»<sup>9</sup>, de Camillo Luigi de Rossi, secretário do Núncio Apostólico em Lisboa, D. Lourenço de Caleppi, arcebispo de Nisibi<sup>10</sup>, dos apontamentos coligidos no Porto por António Mateus Freire de Andrade Coutinho Bandeira<sup>11</sup> e também no valioso e anónimo manuscrito da Biblioteca Nacional intitulado *Efemérides Portuenses ou Índice histórico e cronológico das novidades mais recomendáveis, acontecidas na cidade do Porto desde o princípio de Novembro de 1807 e principalmente desde o dia 18 de Junho de 1808, até o de 24 de Agosto em que chegou a notícia da vitória do Vimeiro, que decidiu da nossa sorte*<sup>12</sup>. Naturalmente que existem outras obras coevas que apresentam uma forte componente autobiográfica, como as de José Acúrcio das Neves<sup>13</sup>, Fr. João Mariano de Nossa Senhora do Carmo Fonseca<sup>14</sup> e José Joaquim da Silva<sup>15</sup>, para citarmos apenas alguns dos muitos que escreveram em cima dos acontecimentos e descreveram por vezes com farta cópia de detalhes, os acontecimento vividos durante os levantamentos anti-franceses e a restauração do Príncipe Regente, ocorridos de norte a sul do país. Constitui um caso à parte os depoimentos de militares que integraram a Legião Portuguesa ao serviço de Napoleão. A derrota do Imperador arrastou na desgraça muitos dos portugueses que o seguiram. Impossibilitados de regressar à Pátria, com terríveis penas pendendo sobre as suas cabeças, muitos morreram no exílio, como o marquês de Alorna, outros voltaram procurando justificar-

---

<sup>5</sup> *Aperçu Nouveau sur les Campagnes des Français en Portugal en 1807, 1808, 1809, 1810 et 1811*, Paris, Chez Delaunay, 1818.

<sup>6</sup> Cristóvão Aires de Magalhães Sepúlveda, *Dicionário Bibliográfico da Guerra Peninsular*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1924, p. 56.

<sup>7</sup> *Memórias da Vida de José Liberato Freire de Carvalho*, Lisboa, Tipografia de José Baptista Morando, 1855; nova edição, com introdução de João Carlos Alvim, Lisboa, Assírio & Alvim, 1982.

<sup>8</sup> *Trinta e cinco anos de vida militar 1808-1834*, Tipografia Peninsular, Porto, 1909.

<sup>9</sup> *Recordações e Memórias sobre ocorrências do seu tempo em Portugal durante o lapso de sessenta e três e Maio, aliás de Maio de 1747 a Setembro de 1810 que residiu em Lisboa*, Londres, H. Bryer, 1813; novas edições: Coimbra, Imprensa da Universidade, 1920, e Lisboa, Fenda, 1992.

<sup>10</sup> *Diário dos Acontecimentos de Lisboa por ocasião da entrada das Tropas de Junot, escrito por uma testemunha presencial*, Camillo Luiz de Rossi, Secretário da Nunciatura Apostólica, Lisboa, Casa Portuguesa, 1938

<sup>11</sup> Coligidos e anotados pelo Conde de Campo Belo com o título de *Os Franceses no Porto em 1809*, Porto, CMP, 1945.

<sup>12</sup> Publicado Durval Pires de Lima com o título de *Os Franceses no Porto 1807 - 1808. Diário de uma testemunha presencial*, Porto, 2 vols, sem data

<sup>13</sup> José Acúrcio das Neves, *História Geral da Invasão dos Franceses em Portugal e da Restauração deste Reino*, Lisboa, Simão Tadeu Ferreira, 1810 (Volumes I e II) e 1811 (Volumes III, IV e V). Há uma nova edição, Lisboa, Edições Afrontamento, 2 volumes (448 e 503 p.), s.d.

<sup>14</sup> Fr. João Mariano de Nossa Senhora do Carmo Fonseca, *Memória Histórica da Junta de Campo Maior ou História da Revolução desta Leal e valorosa Vila*, Elvas, Ed. de António José Torres de Carvalho, 1912,

<sup>15</sup> José Joaquim da Silva, *Évora lastimosa pela deplorável catástrofe do fatal tríduo de 29, 30 e 31 de Julho de 1808: memória histórica dos acontecimentos relativos especialmente às corporações eclesásticas de um e de outro sexo*, Lisboa, na Nova Oficina de João Rodrigues das Neves, 1809, 2 volumes. Reeditado por Francisco António Lourenço Vaz em *O Saque de Évora pelos Franceses em 1808*, Lisboa, Caleidoscópio, 2008.

se, como Gomes Freire, Pamplona e Loulé. O perdão para todos só foi conseguido depois de 1820, por decisão das Cortes Constituintes, com o triunfo, pelo menos momentâneo, do liberalismo. Mas a história dessa aventura começou a ser feita de imediato pelos seus actores.

Ainda em 1814 surgia em Londres, anónima, a *História da Legião Portuguesa em França*<sup>16</sup>. O seu autor era Manuel de Castro Pereira de Mesquita Pimentel Cardoso e Sousa (1778 - 1863), que frequentou a Universidade de Coimbra. Destacado membro da Maçonaria desde 1803, seguiu a carreira das armas e foi major do Estado-Maior da Legião Portuguesa, participando na campanha da Rússia. Encarregado de Negócios em Madrid em 1821 e 1822, mais tarde deputado (1834 - 1836) e senador (1838 - 1839), foi ministro dos Negócios Estrangeiros em 1837, nos governos presididos por António Dias de Oliveira e pelo visconde de Sá da Bandeira. Em 1863, era dado a conhecer o depoimento do tenente Teotónio Banha, uma das narrativas mais interessantes de quantas existem sobre a Legião Portuguesa<sup>17</sup>: Esta edição, feita por ordem do ministro da Guerra, visconde de Sá da Bandeira, foi organizada e enriquecida pelas notas e observações do então capitão Cláudio de Chaby, um dos mais notáveis escritores e historiadores militares portugueses da época<sup>18</sup>, e teve como base os apontamentos daquele antigo membro da Legião Portuguesa, com pequenos depoimentos de mais dois, Joaquim Henriques Moreira e José Ribeiro de Almeida. Teotónio Xavier de Oliveira Banha nasceu em Setúbal, a 18 de Fevereiro de 1795 e ali morreu a 2 de Maio de 1853. Foi tenente de Cavalaria na Legião e, depois de ter regressado a Portugal, acabou por ser nomeado Guarda-Mor da Saúde do porto da sua terra natal. Para além de vários escritos que publicou referentes a Setúbal, e de *Instruções sobre o exercício e manobra de lança, segundo o sistema dos Ulanos da Prússia Oriental* (Lisboa, Impressão Régia, 1827), obra dedicada ao barão de Quintela, Inocêncio Francisco da Silva assinala a existência de um manuscrito seu, inédito, sobre a Legião Portuguesa<sup>19</sup>, justamente o mesmo que Chaby publicou.

Novo depoimento de outro antigo legionário, José Garcez, surgiu em 1889, publicado pelo tenente Bento da França, Ajudante de Campo honorário do Infante D. Augusto<sup>20</sup>: José Garcez foi capitão de Cavalaria e serviu no Quartel-General da Legião, deixando três cadernos com apontamentos. Mas Bento da França não se limitou a publicar o texto original, aproveitando-o para compor uma narrativa completamente diferente, escrita na terceira pessoa, o que dilui o testemunho directo de Gacez.

Apesar da existência deste conjunto razoável de textos, o panorama português é modesto quando comparado com o inglês e o francês. No primeiro caso, para além dos livros de Charles Esdaile e de Ian Fletcher, que nos dão uma ideia da riquíssima produção autobiográfica britânica, veja-se a antologia

---

<sup>16</sup> *História da Legião Portuguesa em França*, Londres, T. C. Hansard, 1814.

<sup>17</sup> *Apontamentos para a História da Legião Portuguesa ao serviço de Napoleão I mandada sair de Portugal em 1808, narrativa do Tenente Teotónio Banha*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1863. Em 2006 saiu uma nova edição, que organizámos para a editora Caleidoscópio.

<sup>18</sup> Sobre este autor veja-se José de Campos e Sousa, «A Espada e a Pena. Subsídios para a Biografia do general de Divisão Cláudio de Chaby», Separata do *Boletim do Arquivo Histórico Militar*, 44º Volume, 1974,

<sup>19</sup> Inocêncio Francisco da Silva, *Dicionário Bibliográfico Português*, Tomo Sétimo, Lisboa, Imprensa Nacional, 1862., p. 316. Veja-se também: General Francisco A Martins de Carvalho, *Dicionário Bibliográfico Militar Português*, I Volume, Lisboa, Academia das Ciências de Lisboa, 1976, pp. 146 e 147. Nesta última obra o ano de nascimento de Teotónio Banha aparece, erradamente, como sendo 1705.

<sup>20</sup> *A Legião Portuguesa ao serviço do Império Francês. Estudo histórico baseado nos manuscritos de José Garcez Pinto de Madureira*, Lisboa, Livraria de António Maria pereira, 1889.

organizada por Maria Leonor Machado e Sousa, *A Guerra Peninsular em Portugal. Relatos britânicos*<sup>21</sup>. Abundam, de facto os depoimentos ingleses, tanto sob a forma de memórias, como de diários como de correspondências.

Sem querermos parecer redundantes, recorramos a uma obra clássica, a de Sir Charles Oman, *Wellington's Army*, publicada em 1912, por isso mesmo anterior a muitas edições hoje disponíveis. Na bibliografia, Oman apresenta uma centena de livros de memórias e sete dezenas de autobiografias e colectâneas de correspondências sobre a Guerra Peninsular, quase todas de autores ingleses<sup>22</sup>. No capítulo II, intitulado «Sources of Information. The Literature of the Peninsular War», o autor reconhece as limitações de tais obras, sempre marcadas pelo subjectivismo, mas não deixa de sublinhar o seu grande valor, destacando no caso inglês os diários de Ormsby, Fer-Porter, Hawker, do general MacKinnon, Tomkinson, - do 16º de Dragões Ligeiros -, George Simmons, Sir William Gomm, Sir George Warre e tantos outros. Algumas obras constituíram assinaláveis êxitos editoriais, com sucessivas edições até de bolso, como *The Recollections of Rifleman Harris*, memórias do antigo pastor John Harris, soldado do Regimento 66º de Atiradores, posteriormente ditadas a Henry Curling e que já conheceram inúmeras edições. Diversos oficiais ingleses integrados em regimentos luso escreveram memórias, particularmente interessantes para quem queira estudar o caso português<sup>23</sup>. Seja-nos, porém, permitido sublinhar duas obras por razões diferentes. A primeira é o memorando do major John Jones sobre as Linhas de Torres<sup>24</sup>, uma das mais lidas e citadas a propósito daquele complexo de fortificações. A segunda é de autoria de George Landmann, oficial do Corpo de Engenheiros, autor do mais belo livro estrangeiro sobre Portugal: *Historical, Military and Picturesque Observations on Portugal (...)*<sup>25</sup>.

Lancemos agora um olhar sobre os testemunhos vindos do outro lado, isto é, do campo dos invasores. Existe uma rica e diversificada bibliografia francesa neste âmbito, a qual pode ser encontrada nas excelentes bibliografias gerais sobre a época revolucionária, do Directório, do Consulado e do Império, como a de André Monglon<sup>26</sup>, Uma bibliografia mais especificamente dedicada à literatura autobiográfica é a de Jean Tulard<sup>27</sup>, com muitas referências a militares franceses que estiveram em Portugal e que deve ser complementada com o suplemento de Jacques Garnier<sup>28</sup>. Alguns bibliófilos

---

<sup>21</sup> Maria Leonor Machado e Sousa, *A Guerra Peninsular em Portugal. Relatos britânicos*, Lisboa, Caleidoscópio, 2007.

<sup>22</sup> Charles Oman, *Wellington's Arm 1809 - 1814y*, Londres, Edward Arnold, 1912, pp. 375 a 383.

<sup>23</sup> Blakiston, J. *Twelve Years' Military Adventure, in three Quarters of the Globe [by Major John Blakiston], 1813-14, with the Portuguese Caçadores*. 1829; Bunbury, T. *Reminiscences of a Veteran, Personal and Military Adventures in the Peninsula, etc. [1810-14 with the 20th Portuguese Line]*. 1861; Mayne, R. and Lillie, J. W. *The Loyal Lusitanian Legion, 1808-10*, London, 1812; Warre, G. *Letters, 1808-12, of Sir George Warre [of the Portuguese Staff]*, ed. by Rev. E. Warre, D.D. London, 1909.

<sup>24</sup> John Jones, *Memoranda relative to the Lines thrown up to cover Lisbon in 1810*. Esta obra foi publicada pela primeira vez em Londres em 1819, «for private circulation».

<sup>25</sup> *Historical, Military and Picturesque Observations on Portugal (...)*, Londres, T. Cadell and W. Davies, Strand, 1818, 2 volumes com 20 + 76 águas tintas, Outra obra de grande interesse é autobiografia: *Adventures and Recollections of Colonel Landmann, late of the Corps of Royal Engineers*, Londres, 1852, 2 volumes.

<sup>26</sup> André Monglon, *La France Révolutionnaire et Impériale. Annales de bibliographie méthodique et description des livres illustrés* (Grenoble-Paris, 1929 - 1963, 9 volumes; reedição da Editora Slatkine, de Genebra, 1976, 9 volumes, mais um volume de índices).

<sup>27</sup> Jean Tulard: *Nouvelle Bibliographie Critique des Mémoires sur l'Époque Napoléonienne Écrits ou traduits en français*, Genebra, Droz, 1991. Nele são inventariadas, com comentários, 1527 obras.

<sup>28</sup> Jacques Garnier, *Revue de l'Institut Napoléon*, n.ºs 172 - 173, 1996, com 152 novas entradas.

coleccionaram obsessivamente livros de memórias reunindo acervos únicos. Um dos mais notáveis pertenceu ao barão Charles d’Huart, e era composto por mais de um milhar e meio de obras!<sup>29</sup>

Sem pretendermos ser exaustivos, vejamos alguns dos depoimentos mais representativos e interessantes para Portugal, a começar pelos relacionados com os chefes militares franceses que comandaram as invasões.

O general Junot não escreveu memórias, mas deixou-nos um documento que se aproxima muito de um diário: o copiadador da sua correspondência dirigida a Napoleão Bonaparte, apreendido pelos portugueses na sequência da batalha do Vimeiro. Luz Soriano referiu a existência desse volume<sup>30</sup>, que Cristóvão Aires de Magalhães Sepúlveda deu a conhecer na *História Orgânica e Política do Exército Português*<sup>31</sup>. Infelizmente, aquele militar publicou o texto no original francês, conservando as abreviaturas e a ortografia da época, o que tornava a sua leitura um exercício penoso e desencorajante. Recentemente organizámos uma nova edição com a tradução para português<sup>32</sup>. Os ofícios ao Imperador começam a 26 de Julho de 1806, surgindo a primeira referência a Portugal a 10 de Outubro de 1807, datada de Bayonne, quando Junot já estava à frente do Exército de Observação da Gironda, e terminam a 7 de Junho, em Lisboa, antes do levantamento nacional anti-francês e do desembarque inglês em Portugal. Embora incompleto por força das circunstâncias, isto é, da derrota francesa, a verdade é que estamos perante um valioso documento que nos permite acompanhar os preparativos da invasão e a evolução da situação em Portugal até ao início de Junho de 1808, com amplos pormenores sobre a instalação dos franceses em Portugal, o relacionamento com os espanhóis que acompanharam a invasão, os contactos com os russos do almirante Siniavin, na esquadra surta no Tejo, a colaboração das autoridades nomeadas pelo Príncipe Regente E depois, até à viragem a partir de Fevereiro de 1808, quando Junot assumiu o poder em nome do Imperador. Por essas páginas passam os reflexos da insurreição espanhola no início de Maio.

Contrariamente a Junot, Soult preocupou-se em deixar para a posteridade o testemunho pessoal da sua vida militar e política. Escreveu memórias, mas a sua publicação só ocorreu postumamente. A sua vida foi longa e contrastante com as biografias dos outros chefes militares franceses que chefiaram invasões a Portugal. Junot suicidou-se, demente, em 1813. Massena morreu minado pela tuberculose em 1817. Pelo contrário, Soult teve uma carreira longa e brilhante - faleceu em 1851, depois de ter ocupado os mais altos cargos, como ministro da Guerra e chefe do governo. Não é assim surpreendente que se tenha preocupado em escrever memórias. Mas a verdade é que só foram publicadas em 1854, por iniciativa de seu filho,

---

<sup>29</sup> *Bibliothèque du Baron Charles d’Huart, Paris*, Librairie Historique Fabrisse Teissèdre, 2001, com prefácio de Jean Tulard. Nele se referem 1611 obras!

<sup>30</sup> Simão José da Luz Soriano, *Historia da Guerra Civil e do Estabelecimento do Regime Parlamentar em Portugal*, 2ª Época, Tomo III, Lisboa, Imprensa Nacional, 1874, p. 92.

<sup>31</sup> Cristóvão Aires de Magalhães Sepúlveda, *História Orgânica e Política do Exército Português, Provas, Vol. XII*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1916. O autor ocupa as primeiras CCLXXXIV páginas com um longo estudo sobre a época, seguindo-se a transcrição do diário, no original francês, entre as páginas 5 a 219.

<sup>32</sup> Jean-Andoche-Junot, *Diário da I Invasão Francesa*, introdução de António Ventura, Lisboa, Livros Horizonte, 2006.

Napoleon Hector<sup>33</sup>. O marechal começara a redigi-las em 1816, mas a Revolução de 1830 e as suas altas funções governativas sob a Monarquia de Julho impediram-no de as continuar. Prosseguiu a redacção durante a Segunda Restauração, com a ajuda do filho, que acabou por assumir a responsabilidade da edição, depois da morte de Sout. Napoleon Hector informava que as memórias se dividiriam em cinco partes correspondendo a outras tantas épocas: a primeira sobre as guerras da revolução; a segunda sobre as guerras do Império na Alemanha e na Polónia até à Paz de Tilsit; a terceira sobre a guerra de Espanha; a quarta sobre o fim do Império, o primeiro e o segundo regresso dos Bourbons até 1815; a quinta incidiria sobre a última parte da carreira de Sout, a sua vida política e as funções governativas que teve<sup>34</sup>. No entanto, só foi publicada a primeira parte, correspondente aos anos de 1791 a 1802, incidindo sobre as campanhas dos Alpes e dos Pirinéus, a guerra da Vendeia, a expedição ao Egipto, a primeira campanha de Itália, a batalha de Marengo, o cerco de Gênês e Hohenlinden. Passando por cima período de 1802 a 1808, para o qual reuniu elementos dispersos e notas para posterior desenvolvimento, Sout debruçou-se depois sobre a guerra em Espanha e em Portugal. A morte do seu filho, ocorrida em 1857, interrompeu a publicação das memórias. Um sobrinho do marechal, o conde de Mornay, foi encarregado pelos editores de continuar a publicação com a ajuda do general barão de Tinan, mas nada se concretizou. O manuscrito sobre a guerra na Península ficou na posse do conde de Mornay e só no século XX a condessa de Guitaut, última descendente de Sout, conseguiu recuperá-lo, vindo a ser publicado em 1955 com apresentação e notas de Louis e Antoine de Saint-Pierre<sup>35</sup>. Procedemos recentemente à edição em português desse documento singular sobre a Guerra Peninsular<sup>36</sup>.

Por fim, chegamos a André Massena, duque de Rivoli, príncipe de Essling, que comandou a III Invasão. Em boa verdade, ele não escreveu memórias, ou melhor, não foram escritas directamente pelo marechal, mas sim por um seu camarada de armas e admirador, o general Jean-Baptiste-Frédéric Koch (1782 -1861), sobrinho de Christiaan-Guillaume Koch (1737 - 1813), publicista, historiador e membro do Instituto, antigo deputado da Assembleia Legislativa e do Tribunado, professor de Direito em Estrasburgo. Jean-Baptiste alistou-se no exército em 1800, na Guarda Consular e fez as campanhas do Império servindo o rei José Bonaparte em Nápoles (1806) como sub-tenente de granadeiros francesas da Guarda Real Napolitana, quando este corpo foi constituído. Fez parte do batalhão que acompanhou José Bonaparte a Espanha, onde foi Capitão (1809) e comandante de batalhão (1811). Regressou a França em 1812, como simples capitão, e participou em 1813 na campanha de Saxe, onde ficou adido ao 3º Corpo de Exército. Conviveu então com o general Jomini que, reconhecendo as suas capacidades e os seus conhecimentos militares, o nomeou seu ajudante de campo depois da batalha de Lutzen. Após Waterloo, Koch reuniu-se a Jomini na Rússia, onde

---

<sup>33</sup> *Mémoires du Maréchal-Général Sout Duc de Dalmatie publiés par son fils. Première partie. Histoire des Guerres de la Révolution*, Paris, Amyot, 1854, 3 volumes, com XII-387 - 372 - 407 pp Existe uma reedição destas memórias com introdução e notas de Nicole Gotteri, Paris, la Vouivre, 2004, 2 vol. (XXII-532-2 p.)

<sup>34</sup> *Mémoires du Meréchal-Général Sout Duc de Dalmatie*, Paris, Librairie d'Amyot, Éditeur, Tome Premier, Première partie, Histoire des Guerres de la Révolution, 1844, p. III e IV.

<sup>35</sup> *Mémoires du Maréchal Sout. Espagne et Portugal*, Paris, Hachette, 1955, 368 p.

<sup>36</sup> *Memórias do Marechal Sout sobre a Guerra em Espanha e Portugal*, introdução e notas de António Ventura, Lisboa, Livros Horizonte, 2008.

permaneceu pouco tempo porque foi reintegrado no exército francês. Regressou à pátria em 1817, entrando para o Real Corpo do Estado-maior com o posto de comandante de batalhão. Foi encarregado, em 1820, de leccionar História e Arte Militar na escola de aplicação daquele corpo. Mas as suspeitas de ser bonapartista prejudicaram-no na progressão militar e chegaram mesmo a afastá-lo do ensino. Com a queda dos Bourbons, em 1830, terminou essa fase negativa da vida de Koch, sendo promovido a tenente-coronel (1834), coronel (1834) e marechal de campo (1841). Dedicou-se ao estudo da história militar, publicando diversas obras de referência<sup>37</sup>.

A admiração de Koch por Massena impeliu-o a levar a cabo a tarefa de pesquisar e recolher materiais que deram origem à obra que intitulou de *Memórias de Massena*, em sete volumes mais um atlas<sup>38</sup>. Dela foi feita uma nova edição por Jean de Bonnot, Paris, 1966, 8 volumes incluindo o atlas. Só o volume VII diz respeito a Portugal e constitui um valioso contributo para a biografia de Massena e, de um modo particular, para a História da III Invasão Francesa a Portugal<sup>39</sup>.

Existe ainda um conjunto numeroso de testemunhos franceses. Vamos referir as que nos parecem mais relevantes, seguindo a ordem cronológica das invasões que consideramos na sua denominação tradicional para evitar confusões. De facto, embora já em 1904 o general Mesquita Carvalho tenha proposto uma revisão da cronologia e da nomenclatura das invasões, considerando a campanha de 1801 - a «Guerra das Laranjas» - como a I invasão francesa<sup>40</sup>. Nessa perspectiva, a incursão de Marmont pode ser classificada de quarta invasão. Conservamos as designações tradicionais por uma questão de uniformização de critérios e de referências.

Comecemos pelo general Dieudonné-Paul-Charles-Henri, barão de Thiébault (1769 - 1846). Para além da *Relation de l'Expedition du Portugal*<sup>41</sup>, um clássico, escreveu as suas memórias que só foram publicadas em 1895 por iniciativa de sua filha, Claire Thiébault<sup>42</sup>. Trata-se de um friso muito rico sobre toda a época napoleónica mas interessa-nos em especial, no Tomo IV 1806 - 1813 -, o Capítulo IV intitulado «occupation du Portugal». O general Jules Antoine, Barão Paulin (1782 - 1876), oficial do Estado-maior, participou em todas

---

<sup>37</sup> *Mémoires pour servir à l'histoire de la campagne de 1814*, Paris, Magimel, Anselin et Pochard, 1819, 2 tomos em 3 volumes; *Examen de l'Histoire de Napoléon et de la grande Armée*, par M. le Comte Ph. de Ségur, et de la critique qu'en a faite le général Gourgaud, Paris, impr. de Fain, 1826, Separata de *Bulletin Universel des Sciences et de l'industrie*, VIIIe section (Maio de 1826); *Examen raisonné de l'ouvrage intitulé: La Russie dans l'Asie Mineure, ou Campagnes du maréchal Paskewitch en 1828 et 1829, par un officier français*, Paris, 1840; *Journal des opérations des IIIe et Ve corps en 1813* [Texte imprimé] / [signé, Koch] ; publ. par le Lieutenant G. Fabry,... [avant-propos du Lieutenant-colonel Coutanceau] Paris, R. Chapelot, 1902, publicado sob a direcção da secção Histórica do Estado-maior do Exército. Foi redactor principal do *Bulletin des Sciences Militaires* entre 1823 e 1831, com 11 volumes publicados. Traduziu os *Principes de Strategie* do Príncipe Carlos (Paris, 1817, 3 volumes), com notas do General Jomini, que ajudou na redacção da sua *Histoire des Guerres de la Révolution*, Paris, 1819-1824, 5 volumes. Também reviu e corrigiu o *Traité de Tactique do Coronel Marqués de Ternay*, Paris, 1832, 2 volumes.

<sup>38</sup> *Mémoires de Masséna, rédigés d'après les documents qu'il a laissés, et sur ceux du Dépôt de la Guerre et du Dépôt des Fortifications, par le général Koch...*, Paris : Paulin et Lechevalier, 1848-1850, 7 volumes + atlas.

<sup>39</sup> Deste volume organizámos uma edição portuguesa : General Koch, *Memórias de Massena, Campanha de 1910 e 1811 em Portugal*, Introdução de António Ventura, Lisboa, Livros Horizonte, 2007.

<sup>40</sup> L. P. Mesquita Carvalho, *Guerra Peninsular. Comentários às Operações militares em Portugal e ainda àquelas realizadas em Território espanhol que com elas mais directamente se relacionam*, Famalicão, Tipografia Minerva de Gaspar Pinto de Sousa & Irmão, 1904, capítulo I «Primeira Invasão», pp. 1 a 28.

<sup>41</sup> *Relation de l'Expedition du Portugal faite en 1807 et 1808, par le 1<sup>er</sup> Corps d'Observation de la Gironde devenu Armée de Portugal*, Paris, Meginel, Amselm et Pochard, 1817.

<sup>42</sup> *Mémoires du général baron de Thiébault, publiés sous les auspices de sa fille Mlle Claire Thiébault, d'après le manuscrit original par F. Calmettes*, Paris, Plon, 1893 - 1895, 5 volumes

as campanhas de 1806 a 1815, excepto na da Rússia. Foi oficial às ordens do marechal Augereau e do general Bertrand. Participou na campanha da Polónia e depois esteve em Portugal. Durante oito meses foi prisioneiro em Espanha. Participou depois nas campanhas da Áustria e na de França em 1814. As suas memórias foram publicadas em 1895 pelo subrinho-neto, capitão Paulin-Ruelle<sup>43</sup>. Nicolas Tiole (1790 -?) natural da Sardenha, sub-oficial do Regimento de Cavalaria nº 26, participou na expedição de Junot a Portugal e anotou pormenores interessantes sobre a batalha de Vimeiro e o ambiente em Lisboa, escapando por pouco de ser morto, em 15 de Dezembro de 1808, num tumulto popular<sup>44</sup>. Mais substanciais são as memórias de Jean-Auguste Oyon (1783 - 1852), nas quais alude às batalhas de Ulm, Austerlitz, e à campanha de 1807 - 1808 em Portugal<sup>45</sup>.

Ainda sobre a I Invasão, o tenente François Dainville (1788 - 1863), que pertenceu ao 3º Regimento de Dragões e foi aprisionado em Peniche a 23 de Agosto de 1808 deixou um pequeno mas importante com alguns pormenores interessantes, nomeadamente a tomada de Évora e as violências ali cometidas pelos franceses<sup>46</sup>.

Um pouco diferentes são as memórias de Victor-Louis-Alexandre, marquês de Toustain (1774 - 1829), emigrado realista francês que esteve ao serviço da Rússia, da Inglaterra e fez parte depois do Estado-maior do exército de Portugal, onde se encontrava quando os franceses entraram em Lisboa em Novembro de 1807. Nas suas memórias<sup>47</sup> descreve esses acontecimentos, bem como o relacionamento entre Junot e os numerosos emigrados franceses que se encontravam na capital portuguesa, alguns dos quais se colocaram ao serviço do Imperador, como o conde Novion, comandante a Guarda Real de Polícia, muitos outros oficiais daquele corpo e o futuro marechal Bourmont.

Quanto à II Invasão, o capitão Louis Florimond Fantin des Odoards (1778 - 1866) deixou nas suas memórias uma boa descrição das operações em Braga, Porto e a retirada<sup>48</sup>. Filho do general Antoine Rigau, o coronel Dieudonné Rigau (1789 -?) entrou ao serviço em 1803 no 25º Regimento de Dragões e fez as campanhas de Austerlitz, Prússia, Polónia, Espanha e Rússia, Alemanha e França. Promovido a capitão em 1809, serviu em Espanha no 47º Regimento de Infantaria e depois da campanha de Portugal foi ajudante de campo do seu pai, o general Antoine Rigau. Na campanha da Rússia integrou o Estado-maior de Bérthir. Nas suas memórias<sup>49</sup>, a campanha de Portugal é abordada em apenas meia dúzia de páginas. Auguste Thirion (1787-1869), natural de Metz, alistou-se em 1805 no 22º Regimento de Dragões. Passou em 1812 para o 2º Regimento de Couraceiros. Em 1813 foi promovido a tenente no 9º de Couraceiros. Participou nas campanhas de Espanha e de Portugal, de Hannover em 1811, da Rússia em 1812, e no

---

<sup>43</sup> *Souvenirs du général baron Paulin publiés par le capitaine du génie Paulin-Ruelle, son petit-neveu*, Paris, Plon, 1895; existe uma reedição recente : Paris, La Librairie des Deux Empires, 2002.

<sup>44</sup> Publicado pela primeira vez com o título de *Notes sur l'expédition d'Espagne*, em *Le carnet de la Sobretache*, 1920, pp. 201-211. Incluído no volume *Témoignages sur les Campagnes d'Espagne et de Portugal*, Paris, Librairie Historique F. Teissèdre, 1999.

<sup>45</sup> *Campagnes et souvenirs militaires*, publicadas em *Carnet de Sabretache*, 1913 e 1914. Este texto foi integrado no livro *Les Guerres de la Péninsule vues par quatre témoins*, numa edição da Librairie Historique F. Teissèdre, 1999, com uma tiragem de 500 exemplares.

<sup>46</sup> «Souvenirs de François Danville, Lieutenant de la Grande Armée», in *Revue de l'Institut Napoléon*, nº 140, 1983, pp. 59 a 120.

<sup>47</sup> *Mémoires du marquis de Toustain, publiés par le Marquis de Perry de Nieuil (1790 - 1823)*, Paris, Plon, 1933.

<sup>48</sup> Fantin des Odoards, *Journal. Etrapes d'un Officier de la Grande Armée (1800 - 1830)*, Paris, Plon-Nourrit, 1895. Destaque para o Capítulo VII - «Expédition de Portugal - Braga - Porto - La Retraite». Nova edição: Paris, Le Livre Chez Vous, 2008.

<sup>49</sup> *Souvenirs des guerres de l'Empire. Réflexions, pensées, maximes, anecdotes, lettres diverses et testament philosophique*, suivi d'une notice sur le général Rigau, Paris, 1845. Reedição, Paris, Librairie des Deux Empires 2000.

Saxe e Alemanha em 1813. Aborda nas suas memórias<sup>50</sup> a marcha desde Santiago de Compostela até ao Porto e depois a retirada. De cerca de 350 páginas, Portugal ocupa apenas uma dúzia...

Toussaint-Jean Trefcon (1776-1854) era um simples soldado quando começou a combater em 1793, integrado no exército republicano, e chagou a chefe do Estado-maior da Divisão Bachelu na campanha da Bélgica em 1815. Fez parte dos Regimentos 15º e 56º de Linha, participou nas batalhas de Hoenlinden, Friedland, Medina del Campo, Corunha, Porto, Polotsk, Bautzen, Lutzen, Leipzig, Hanau, Fere-Champenoise e Waterloo. Também refere<sup>51</sup> a campanha de Soult no norte de Portugal, na qual participou. As memórias<sup>52</sup> do tenente-coronel Victor Duplan são particularmente valiosas. No capítulo II, «Dupla nau Sénégal au Portugal et en Espagne» tem um interesse mais biográfico. No capítulo III «Mémoires: mes campagnes d'Espagne et de Portugal» descreve o seu envolvimento directo. O marechal Jean-Baptiste Jourdan (1762 - 1833) também descreve nas suas memórias, publicadas postumamente por iniciativa do visconde de Grouchy, a campanha na Galiza e a entrada de Soult no Porto e posterior retirada<sup>53</sup>.

Menos conhecidas e citadas para Portugal são as memórias<sup>54</sup> do general Auguste-Julien Bigarré (1775 - 1838), ajudante de campo do rei José Bonaparte, s quais não pasam de 1812. Embora mais centradas em Espanha, a verdade é que o capítulo XIII é inteiramente dedicado à marcha de Soult sobre o Porto, sua presença na cidade e posterior retirada. Pierre-Madeleine Lenoble escreveu uma descrição das operações militares de Soul na Galiza e em Portugal, inicialmente sem o nome do autor<sup>55</sup>. Pouco conhecido é também o livro do coronel Talandier, no qual descreve as operações do 2º Corpo de Exército em Espanha e Portugal sob o comando de Soult, durante os anos de 1808, 1809, 1810 e 1811<sup>56</sup>. Obras há que não sendo exclusivamente de memórias, apresentam um carácter misto, utilizando outras como fontes. É o caso das memórias publicadas anonimamente de A. d'Illens, exclusivamente sobre a campanha de Soult no norte de Portugal e na Galiza<sup>57</sup>.

Quanto à III Invasão, os testemunhos ainda são mais abundantes e mais densos. Começemos pelas memórias de Jean-Baptiste Antoine Marcelin, Barão de Marbot (1782 - 1854), que são das mais conhecidas e reeditadas sobre a época napoleónica. Promovido ao posto de Comandante de Esquadrão a 4 de Junho de 1809, terminou a campanha contra a Áustria como ajudante de campo do marechal Massena, a 18 de Junho de 1809, e foi de novo ferido no combate de Znaïm, a 11 de Julho de 1809.

---

<sup>50</sup> *Souvenirs Militaires*, Paris, Berger-Levrault, 1892. Há uma nova edição: Paris, Librairie des Deux Empires, 1998.

<sup>51</sup> *Carnet de Campagne du colonel Trefcon*, publicado por André Lévi, Paris, Dubois, 1914. Nova edição: Paris, Librairie des Deux Empires, 2003.

<sup>52</sup> *Mémoires et Campagnes*, Moutiers F. Duclos, 1901.

<sup>53</sup> *Mémoires Militaires du Maréchal Jourdan (Guerre d'Espagne) écrits par lui-même publiés d'après le manuscrit original par M. le vicomte de Grouchy*, Paris, Ernest Flammarion, Éditeur, 1899.

<sup>54</sup> *Mémoires du Général Bigarré Aide de Camp du Roi Joseph 1775 - 1813*, Paris, Ernst Kolb, Éditeur, 1893.

<sup>55</sup> *Mémoires sur les opérations militaires des Français en Galice, en Portugal et dans la Vallée du Tage en 1809, sous le commandement du maréchal Soult*, Paris, Barrois, 1821, um volume e um atlas.

<sup>56</sup> *Mémoires relatifs aux Opérations du Deuxième Corps d'Armée en Espagne et en Portugal sous les ordres du Maréchal Soult, Duc de Dalmatie, dans les années 1808, 1809, 1810 et 1811, par le Chevalier Talandier, colonel de Cavalerie commandant la Place de Verdun, Verdun, Tipographie de Lippmann, sem data.*

<sup>57</sup> *Souvenirs d'un Militaire des Armées Françaises dites de Portugal pas l'Auteur de l'Essai sur l'État Militaire en 1825*, Paris, Anselin et Pochard, 1837.

Recebeu o título de Cavaleiro do Império em 15 de Agosto de 1809 e novamente em 12 de Novembro de 1811. Acompanhou Massena na invasão de Portugal em 1810-1811, onde foi ferido duas vezes: com um golpe de sabre no rosto e outro no ventre, em Miranda do Corvo, a 14 de Maio de 1811. Chefe de Esquadrão no 1º Regimento de Caçadores a Cavalos em 23 de Outubro de 1811 e depois no 23º Regimento de Caçadores a Cavalos em 28 de Janeiro de 1812. As suas memórias, escritas por volta de 1847, foram publicadas pela primeira vez em 1891<sup>58</sup>, e a passagem por Portugal surge no III volume.

Um dos melhores relatos sobre a época é o do capitão Nicolas Marcel (1782 - 1854), onde se misturam as descrições de carácter militar com os reflexos da guerra nos soldados sob o ponto de vista psicológico e físico, com todas as dificuldades sentidas na Guerra Peninsular. A narrativa começa com a sua partida para Espanha, em 1808 e termina em 1814. Entrou em Portugal com as tropas de Massena, o que é tratado no capítulo V<sup>59</sup>.

Inteiramente dedicadas a Portugal e à invasão de Massena são as memórias do coronel André Delagrave (1774 - 1849). É um denso e bem documentado relato, particularmente interessante no que respeita às Linhas de Torres, publicado pela primeira vez em 1902<sup>60</sup>. O tenente Jean-Baptiste Barrès (1784 - 1849) também participou na III Invasão, deixando um relato que só foi publicado em 1923 pelo seu neto, o escritor e teórico nacionalista francês Maurice Barrés<sup>61</sup>. Curioso texto esse, com alguns pormenores, desde a morte do general Saint-Croix, a que o autor assistiu, até ao convívio entre franceses e ingleses no impasse perante as Linhas de Torres. Sobre Saint-Croix escreveu o sub-intendente Jean-Louis Lacour um pequeno opúsculo de 39 páginas onde elogia a acção daquele general na Península<sup>62</sup>. O autor integrou o exército de Massena na campanha de Portugal (1810-1811) e manteve relações de amizade com o general Saint-Croix. Trata-se, bem entendido, de um panegírico daquele oficial general, mas contém pormenores importantes sobre a vida dos soldados franceses na guerra da Península.

Pierre-François Guingret (1784 - 1845) foi comandante de batalhão com Massena. O seu livro é uma descrição das suas operações militares em Portugal, com uma perspectiva muito favorável ao marechal<sup>63</sup>. Mas falemos de colaboradores próximos do príncipe de Essling. Um deles foi Jean Jacques-Germain, barão de Pelet-Clozeau (1777 - 1858), autor de diversas obras sobre a campanha da Rússia, a guerra na Alemanha em 1809 a batalha de Moscovo. Primeiro Ajudante de Campo do marechal Massena, Pelet-Clozeau deixou-nos um verdadeiro monumento do memorialismo referente à Guerra Peninsular. Na bibliografia de memórias sobre a época napoleónica citada, Jean Tulard elogia essas páginas, sublinhando que «constituent une source de tout

---

<sup>58</sup> *Mémoires du général baron de Marbot*, Paris, Plon, 1891, 3 volumes. A mais recente e completa é de 1983, em 2 volumes, na editora Hachette. Sobre a parte referente a Portugal veja-se: general barão de Marbot, *Memórias sobre a 3ª Invasão Francesa*, introdução de António Ventura, Lisboa, Caleidoscópio, 2006.

<sup>59</sup> *Campagnes en Espagne e au Portugal (1808-1814) mises en ordre, annotées et publiées par le commandant Var*, Paris, Plon, 1913; nova edição: Éditions du Grenadier, 2001, igual à primitiva. Edição portuguesa: Lisboa, Occidentalis, 2008.

<sup>60</sup> *Mémoires. Campagne du Portugal (1810-1811)*. Avertissement et notes par Ed. Gachot. P., Delagrave, 1902, in-8, 256 pp., 8 planches en couleurs de costumes militaires, 4 retratos. Nova edição Paris, C. Terana Éditeur, 1997.

<sup>61</sup> *Souvenirs d'un Officier de la Grande Armée publiées par Maurice Barrés, son petit-fils*, Paris, Plon, 1923.

<sup>62</sup> *Notice historique sur le général comte Charles de Sainte-Croix (campagnes de 1810 et 1811 en Portugal)*, Le Mans, Fleuriot, 1840.

<sup>63</sup> *Relation historique de la campagne de Portugal sous le maréchal Masséna*, Limoges, Bargeas, 1817.

premier ordre por l'histoire militaire»<sup>64</sup>. Mas a sua obra principal, com especial interesse para nós, permaneceu inédita durante muito tempo. Donald Howard fez uma tradução para inglês desses escritos e publicou-os em 1973 na Universidade de Minesota<sup>65</sup>. Em 2003 saiu a edição francesa<sup>66</sup>; as 705 páginas deste livro, organizado de forma exemplar por Christian Schneider, com notas e um pormenorizado índice remissivo, colocam aquela obra entre o que de melhor se escreveu como depoimento pessoal. E já que referimos colaboradores de Massena, acaba de ser publicada uma nova edição das memórias de Albert-Jean-Michel de Rocca (1787 - 1818), oficial de hussardos, segundo marido de Madame de Staël, mais uma obra que, apesar de só referir a Espanha no título, tem abundantes referências a Portugal e às Linhas de Torres<sup>67</sup>.

Sobre a III Invasão refiram-se ainda as memórias do tenente de artilharia Bauyn de Pereuse, publicadas sem indicação do autor em 1889<sup>68</sup> e as de Pierre-François Puffeney (1772 - 1848), - um livrinho com 49 páginas - escritas por volta de 1834 e publicadas em 1891 por Julien Feuvier<sup>69</sup>. Puffeney entrou para o exército em 1791 e participou nas campanhas de Itália - Bolonha - e nas batalhas de Ulm, Austerlitz, Iena, Eylau. Depois da campanha de Portugal, deixou o exército e tornou-se ajudante de Flessingue.

Outra obra com abundantes referências às Linhas de Torres é a do general barão François-Nicolas Fririon (1766 - 1849), que foi chefe do estado-maior de Massena em Portugal<sup>70</sup>. Participou na batalha do Buçaco, e nos combates de Pombal e Redinha, sendo ferido em Fuentes de Oñoro. O coronel Jean-Nicolas-Auguste Noël (1778 - 1853) participou na expedição de Massena contra Portugal e deixou um excelente livro<sup>71</sup> onde não poupa críticas a Napoleão por ter tomado nas suas mãos as operações em Espanha. De novo amplas referências às Linhas de Torres. Participou na segunda campanha de Itália, nas de Espanha e Portugal, Rússia, Alemanha e França. Continuou a sua carreira com a Restauração, sendo em 1832 Director da Artilharia em Baiona e Neuf-Brisach. Ainda sobre as Linhas de Torres, Em 1998 eram publicadas as memórias de um suíço que fez parte do exército napoleónico, o coronel Emmanuel-Frédéric Sprünglin (1773 - 1844)<sup>72</sup>. Essas memórias foram originalmente publicadas em 1904<sup>73</sup> mas nesta nova edição foi utilizado o original, em francês e alemão, um grosso volume de 285 páginas manuscritas integralmente pelo autor. A presente edição, organizada por G. Desdèvis Du Dezert, é cuidada e enriquecida por uma introdução biográfica e notas explicativas. Sprünglin era natural do cantão de Berna e entrou ao serviço do exército francês em

<sup>64</sup> Jean Tulard, *Nouvelle Bibliographie Critique des Mémoires sur l'Époque Napoléonienne écrits ou traduits en français*, Genève, Librairie Droz, nouvelle édition revue et enrichie, 1991, p. 230.

<sup>65</sup> Jean Jacques Pelet, *The French campaign in Portuga, 1810 - 1811*, edição de Donald Howard, Minneapolis, University of Minnesota Press, 1973.

<sup>66</sup> *Mémoires de ma Campagne du Portugal (1810-1811)*, Paris, Éditions Historiques Teissédre, 2003.

<sup>67</sup> M. de Rocca, *Mémoires sur la Guerre des Français en Espagne*, Paris, Gide, 1814. Nova edição em Genebra, Cherbuliez, 1887. A edição que acaba de ser publicada é em Paris, Le Livre Chez Vous, 2008, com o título *Mémoires d'un Officier de Hussars en Espagne*.

<sup>68</sup> «Campagne de Portugal (1810 - 1811). Souvenirs d'un lieutenant d'artillerie» in *Revue Rétrospective*, 1889, Tomo X, pp. 1 a 15. De novo incluídas no livro: *Du Tage à Cabrera. Souvenirs de deux lieutenants et d'un caporal*, Paris, Librairie F. Teissédre, 1999, pp. 9 a 59. A parte referente a Portugal, pp. 21 a 38, contém muitos pormenores sobre o quotidiano militar.

<sup>69</sup> *Souvenirs d'un Grogard publiés par Julien Feuvier*, Dole, Krugell, 1891.

<sup>70</sup> *Journal historique de la campagne de Portugal entreprise par les français sous les ordres du maréchal Massena*, Paris, Leneveu, 1841.

<sup>71</sup> *Souvenirs militaires d'un Officier du Premier Empire*, Paris, Berger-Levrault, 1895, publicados pelo neto. Há uma reedição: Paris, Librairie des Deux Empires, 1999.

<sup>72</sup> Emmanuel-Frédéric Sprünglin, *Souvenirs des Guerres d'Espagne et de Portugal*, Paris, Librairie F. Teissédre, 1998.

<sup>73</sup> «Souvenirs», *Revue Hispanique*, 1904, pp. 299 a 537.

1806. Comandou quatro companhias no Buçaco e foi nomeado comandante de batalhão adjunto do Estado-maior de Portugal. Na retirada de Portugal, comandou cinco companhias e 50 caçadores a cavalo encarregados de proteger a retaguarda do 6º corpo de exército. Participou no combate de Redinha. Subchefe do Estado-maior da 4ª Divisão do Exército de Portugal, em 1812 assistiu a retirada sobre o Ebro. A 1 de Setembro de 1812, Clausel nomeou-o Chefe do Estado-maior da 2ª Divisão do Exército de Portugal. No ano seguinte foi Chefe do Estado-maior de Ney na Alemanha.

Combatente no Buçaco, onde foi ferido, o capitão Jean-Baptiste Lemonnier-Delafosse, do 11º Regimento de Infantaria Ligeira, partiu para Espanha e Portugal. Esteve nas Linhas de Torres e tomou parte nas batalhas de Arapiles, Orthez e Toulouse e, mais tarde na Bélgica, na batalha de Quatre-Bras e de Waterloo, da qual deixou um esplêndido relato. Não esqueceu Portugal nas suas memórias<sup>74</sup>.

Existem, certamente, muitas outras memórias que permanecem inéditas em bibliotecas ou na posse de descendentes desses militares que fizeram a Guerra Peninsular. A pouco e pouco elas vão emergindo e vendo a luz do dia, iluminando os nossos conhecimentos e retirando do anonimato os seus autores. Vejamos apenas, para terminar, o exemplo do general Louis Béchet de Léocour (1771 -1845), que serviu o regime que guilhotinou o seu pai antes de embarcar para S. Domingos com a missão Hédouville. Foi um dos primeiros a ser condecorado com a Legião de Honra em Boulogne e participou nas batalhas de Ulm, Léna e Eylau. Partiu para Espanha e Portugal, onde serviu sob as ordens de Massena. As suas memórias começam em 1791 terminam em 1811, constituindo mais um excelente testemunho sobre as Linhas de Torres. O manuscrito estava inédito e foi confiado por um familiar a Christian Schneider que o utilizou para uma dissertação de mestrado, acabando por ser publicado em 2000<sup>75</sup>.

A literatura autobiográfica sobre a Guerra Peninsular em geral e sobre Portugal em particular é muito numerosa, embora de qualidade diversa, apresentando, como sempre sucede, um grau de subjectivismo e de auto-justificação que recomenda uma exegese apurada e a utilização de outras fontes que a possam aquilatar. No entanto, esses testemunhos possuem qualidades que a documentação impessoal e administrativa não pode conter, completando-a, colorindo-a, dando-lhe vida. Nesse contexto, os relatos produzidos por aqueles que integraram o exército napoleónico e que estiveram em Portugal durante as Invasões Francesas constituem um *corpus* que não pode ser ignorado. Esses depoimentos franceses na primeira pessoa ressuscitam, séculos depois, homens que vieram até à Península Ibérica no cumprimento dos desígnios de Napoleão. Foram agentes e instrumentos de um projecto hegemónico, fruto de um espírito genial, mas com uma ambição desmedida.

Mas, como dizia Charles Dickens, «Um homem nunca sabe aquilo de que é capaz até que o tenta fazer».

---

<sup>74</sup> *Souvenirs militaires du Capitaine Jean-Baptiste Lemonnier Delafosse*, Paris, 1850. Reedição, apresentada por Christophe Bourachot, Paris, le Livre Chez Vous, 2002.

<sup>75</sup> Général Louis Béchet de Léocour *Souvenirs*, Paris, Editions Historiques Teissèdre, 2000, 459 p.

